

Jornadinhas Nacionais de Literatura de Passo Fundo formando leitores: em foco a 4ª Jornadinha

14

Adriana Röhrig*
Fabiane Verardi Burlamaque**

Resumo: Este artigo faz uma análise do papel das Jornadinhas Nacionais de Literatura de Passo Fundo, com ênfase nas representações da sua 4ª edição, construídas por crianças de 10 anos de idade, provenientes da classe média de Ijuí – RS, estudantes de uma escola particular no mesmo município. São examinados depoimentos dessas crianças em quatro momentos diferentes, à luz da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura. Os quatro momentos são chamados *posicionamentos*, uma metodologia criada por Judith Langer e utilizada nesta análise. Assim, esta reflexão busca compreender como se dão as experiências de leitura e de vida das crianças mencionadas e em que momento, no processo de construção da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, elas se cruzam e propiciam representações para o público-alvo deste trabalho.

Palavras-chave: Leitura. Jornadinha Nacional de Literatura. Recepção. Experiência. Representação.

Abstract: This article makes an analysis on the role of Jornadinhas Nacionais de Literatura de Passo Fundo, with emphasis on representations of its 4th edition, built by children of 10 years, from the middle class of RS – Ijuí, students of a private school in same municipality. Testimonies of these children are examined at four different times in the light of the Aesthetics of Reception and the Sociology of Reading. The four stages are called placements, a methodology created by Judith Langer and used in this analysis. Thus, this discussion seeks to understand how to make the experience of reading and living of the children mentioned in that moment, in the process of building the 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, they intersect and provide representation for the target audience of this work.

Keywords: Reading. Jornadinha Nacional de Literatura. Reception. Experience. Representation.

* Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), com ênfase em Literatura. Especialista em Literatura Modernista e Contemporânea pela Unijuí. Atualmente atua na Educação Básica da Rede Particular de Ensino de Ijuí, na Escola Francisco de Assis (EM) e no Colégio Evangélico Augusto Pestana (EF).

** Professora na Universidade de Passo Fundo. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* fabianevb@uol.com.br

O objeto da pesquisa, o problema e a metodologia

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo é muito mais que um evento que ocorre a cada dois anos na Universidade de Passo Fundo, já que possui vários e importantes desdobramentos. Nas palavras da professora Tânia M. K. Rösing, idealizadora das Jornadas Nacionais Literárias, “a Jornada é uma movimentação cultural permanente, de mobilização de professores, de alunos, da comunidade, tentando sensibilizá-los para a leitura de textos literários, textos em diversos suportes e linguagens artísticas”.¹ Dentre os cursos, o Seminário da Academia Brasileira de Letras, o Encontro Estadual de Escritores, o Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura, há “o segmento das linguagens artísticas, no qual figuram exposições de artes plásticas e apresentações de teatro e dança” e, também, “o atendimento ao público infantil e juvenil, que se constitui na Jornadinha”.²

No que concerne ao objetivo primordial das Jornadas Nacionais de Literatura de Passo Fundo, segundo a coordenadora do movimento, elas “objetivam a formação de um leitor crítico, que priorize o texto literário, passando, também, a se constituir num intérprete das linguagens veiculadas em diferentes suportes”, bem como “das peculiaridades das manifestações culturais como a dança, o teatro, o cinema, a pintura, a escultura, a fotografia, a arquitetura, a arte circense”. (RÖSING, 2007, p. 370).

A indagação que se faz é no que diz respeito à recepção da Jornada/Jornadinha pelo seu público. Isto é, em que medida ela influencia os leitores ou o que ela significa e representa na história de leitura desses sujeitos. Qual é a relevância da participação das crianças nas Jornadinhas Nacionais de Literatura de Passo Fundo para o processo de sua formação como leitores?

Objetivando investigar e analisar o papel da *Jornadinha* na formação de pequenos leitores, foram acionadas algumas teorias. A Estética da Recepção – em especial, as teses de Hans Robert Jauss – que permitiu verificar quais são as potencialidades da *Jornadinha*, ou seja, até onde o leitor ideal pode chegar através do que lhe é oferecido pela *Jornadinha Nacional de Literatura*, ou seja, qual o grau de

¹ RÖSING, Tânia M. K. Entrevista concedida à pesquisadora em 16 de janeiro de 2008.

² Idem.

representatividade do processo que culmina com a Jornadinha. E, no âmbito da leitura, com o intuito de analisá-la como experiência ou representação, foram consideradas as contribuições de Michèlle Petit, Judith Langer, bem como de Jouve.

Especificamente, o que se investigou foi o grau de representatividade da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo para crianças de 10 anos de idade, provenientes da classe média, residentes no Município de Ijuí, na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A título de ilustração, será feito aqui um recorte no qual serão apresentados dois casos que ilustram a representatividade, em distintos graus de envolvimento, da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo para o grupo pesquisado.

O eixo metodológico sobre o qual se alicerçou a pesquisa foi o da pesquisa-ação – tal como essa é definida por Thiollent (2000) e Alarcão (2005) – que, no caso deste trabalho, subdivide-se em aplicação de propostas de práticas de leitura, entrevistas e observações analíticas dos instrumentos utilizados. Optou-se pela pesquisa-ação porque a pesquisa partiu das atividades realizadas com os alunos e, também, porque as análises versaram sobre as suas expectativas em relação à 4ª Jornadinha, sobre a experiência, a representação e a ampliação dos seus horizontes de expectativas.

Na metodologia de análise, foram empregadas as categorias e a terminologia adotadas por Langer (2005). Ou seja, a abordagem foi realizada na perspectiva dos quatro “posicionamentos” descritos pela teórica. Assim, as análises foram efetuadas em quatro etapas, pois, como teoriza Langer, “as representações se desenvolvem e mudam durante o tempo todo”. (2005, p. 24). Dessa forma, é preciso verificar e examinar os *posicionamentos* dos leitores observados em momentos diferentes. Os instrumentos de análise constituíram-se de textos escritos, entrevistas orais, observações e questionários.

A leitura e o leitor

Chartier, parafraseado por Yunes (2003), alerta para o fato de que um texto “só existe à medida que houver um leitor para lhe dar um significado”. Esse leitor, ainda conforme Yunes, “longe de ser passivo provoca o texto, deslocando-o de sua estabilidade”. (YUNES, 2003, p. 12). Em contrapartida, significar e/ou ressignificar o lido é, entre

outras coisas, trazer para o cotidiano novas dimensões, visões de mundo e, conseqüentemente, reflexões diferentes das praticadas e possíveis antes do alargamento de horizontes que a leitura proporciona.

É, porém, somente a partir da segunda metade do século XX que algumas abordagens passam a valorizar o público, o receptor, o interlocutor. Na perspectiva dessas teorias, o leitor lê a seu modo, com base em sua bagagem social e cultural, de acordo com seus saberes, gostos e interesses, que, apesar de parecerem total e absolutamente subjetivos e individuais, têm sua determinação na coletividade e, dessa forma, são, também, resultado de um movimento social. Tais teorias, portanto, conferem importância ao receptor e à recepção, às expectativas e às satisfações dos processos de leitura, em todas as suas facetas e meandros.

No sentido de redimensionar a relação autor-obra-leitor, e a fim de que o valor desse último seja mais reconhecido, surge, na década de 60, em Heidelberg, na Alemanha, a *Estética da Recepção*, teoria que tem como objetivo atentar para a figura do leitor como componente ativo do sistema literário. No âmbito dessa teoria, em que a recepção do texto literário passa a ocupar lugar de destaque, Jauss (1994) utiliza conceitos da fenomenologia, como o de horizonte de expectativas.

Conforme afirma Zilberman (1989, p. 6), “o leitor é encarado como o principal elo do processo literário”, pois a questão da leitura e da literatura (como objeto estético) está centrada na recepção: “Somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor.” (p. 19). Dito de outro modo, o valor da obra está na “percepção estética” que ela é “capaz de suscitar”. (1989, p. 35). São as relações e as experiências do leitor com o texto que permitem reflexões sobre o mundo e sobre os lugares dos seres e das coisas neste mundo. Isso é possível porque a reconstrução dos horizontes, a compreensão do que foi dito no passado, suscita um diálogo com o presente e, conseqüentemente, leva à construção de novos horizontes. Visto assim, o lugar da Estética da Recepção é sem precedentes na história da leitura e da literatura, pois redimensiona o papel do leitor no processo de leitura.

Na década de 80, essa teoria conquista espaço em meio às discussões acerca da leitura, também no Brasil, inaugurando reflexões representadas aqui pelas palavras de Zilberman, que afirma que “ler assume hoje um significado tanto literal, sendo nesse caso um problema

da escola, quanto metafórico, envolvendo a sociedade que busca encontrar sua identidade pesquisando as manifestações da cultura. (1989, p. 6). Isto é relevante à medida que ressaltar a importância do leitor nas leituras e interpretações feitas na escola, é defender que, para que se encontre a identidade de uma comunidade, de um povo, é imprescindível que as vozes dos seus sujeitos sejam levadas em conta. Portanto, com maior interação entre obra e leitor há mais possibilidades de identificação, de pertencimento e de apropriação tanto da cultura quanto da leitura.

A leitura como experiência

Quando a leitura acontece sob o prisma da interação da obra e do leitor, ela é uma experiência tanto estética quanto histórica, no sentido de permitir que se entenda o passado, se analise o presente e se projete o futuro. Essa ideia, proposta por Jauss, é retomada por outros teóricos. Jouve, por exemplo, reitera as concepções do estudioso vinculado à Estética da Recepção, ao defender que a leitura, como experiência estética, “é sempre *tanto libertação de alguma coisa quanto para alguma coisa*. Por um lado, ela desprende o leitor das dificuldades e imposições da vida real; por outro, ao implicá-lo no universo do texto, renova sua percepção do mundo”. (2002, p. 108).

Nessa mesma linha de raciocínio, Langer (2005) afirma que os mundos textuais se desenvolvem na mente das pessoas quando elas se engajam na experiência literária e buscam ativamente os sentidos, enquanto leem. A mesma autora caracteriza “o modo como a nossa mente trabalha quando estamos engajados numa experiência literária como sendo um movimento na direção de um horizonte de expectativas”. (2005, p. 46). Os significados que os leitores dão ao que leem – significados esses que sofrem alterações a cada nova interação do leitor com o texto, de acordo com as experiências de vida e de leitura que vão sendo construídas – são chamadas por Langer “representações”. Ela emprega a palavra *representação* para se referir “ao mundo de conceitualização que uma pessoa tem em certo momento”, afirmando que cada ser humano constrói as suas próprias representações, que são “diferentes de indivíduo para indivíduo” (2005, p. 22), porque dizem respeito às experiências pessoais e culturais de cada um. Em outros termos, cada sujeito tem a sua história de leitura e de vida e está impregnado

dessas experiências, que são determinantes no momento em que constrói suas representações.

Segundo Langer (2005, p. 22), tais representações “são conjuntos dinâmicos de idéias, imagens, questionamentos, discordâncias, previsões, argumentações e intuições, relacionados, que preenchem a mente durante a leitura”, portanto, as representações não são estanques: elas vão se modificando à medida que ocorrem mais leituras e mais reflexões. Para a autora (p. 24) as “representações se desenvolvem, mudam e se enriquecem com o tempo, com o pensamento e com a experiência”. Assim, a construção das representações passa por várias etapas, em que essas vão sendo alteradas, de acordo com diferentes fatores e níveis de interpretação, que Langer denomina “posicionamentos”. Esses *posicionamentos* são “cruciais ao ato de construir representações, porque cada um oferece uma diferente perspectiva por meio da qual surgem as idéias”. (2005, p. 32). A autora, ao dar continuidade ao seu raciocínio, afirma que os *posicionamentos* não se dão de forma linear, pois têm “o potencial de voltar na leitura a qualquer momento e resultam de interações variadas entre um leitor em particular com um texto em particular”. (p. 32).

Para a teórica, os *posicionamentos* são partes integrantes da experiência de construção de representações da ampla maioria dos leitores. Entretanto, “os padrões particulares que seguem e o conteúdo particular que contêm são baseados nas experiências e expectativas de um leitor em particular enquanto está interagindo e estabelecendo trocas com um determinado texto”. (2005, p. 32). Portanto, apesar de os leitores seguirem um determinado padrão de pensamento, nos *posicionamentos*, segundo Langer (2005), cada leitor tem uma relação peculiar com o texto que lê, chegando a conclusões, muitas vezes, bastante diferenciadas daquelas formuladas por outros leitores, ao interagirem com o mesmo texto.

Quatro são os *posicionamentos*, ou perspectivas, identificados por Langer (2005). A primeira perspectiva diz respeito ao começo da leitura, quando o leitor ainda se encontra fora do universo construído pelo texto, mas já elabora uma representação. As pistas dadas de início servem para o leitor levantar algumas hipóteses e já construir, mesmo que minimamente, uma ideia do que tratará a obra. Essa primeira representação, quase intuitiva e indubitavelmente superficial, uma vez que é calcada em suposições, é o que a autora denomina “posicionamento 1”. Segundo a teórica (p. 33), “quando faz pouco que a leitura foi iniciada,

usamos esse sentido amplo para formar idéias e suposições sobre os personagens, enredo [...] e como eles se inter-relacionam”.

Langer (2005) chama a atenção para o fato de que, apesar de o primeiro *posicionamento* ser mais evidente no início da leitura de uma obra, ele perdura durante todo o processo, já que sempre são apresentadas novas ideias. Resumindo, o *posicionamento 1* está bastante ligado a palavras e expressões como: *talvez, acho que, imagino que*.

A segunda perspectiva, o *posicionamento 2*, por sua vez, ocorre, na visão de Langer, quando, a partir da primeira leitura, com o avanço desse processo ou “com mais experiência de vida”, o leitor envolve-se com a leitura e com suas representações a ponto de ressignificá-las. A autora, defende que, “nesse posicionamento, estamos imersos em nossos mundos textuais” e, imediatamente, fazemos uso de informações novas, para ir além da primeira compreensão. Verifica-se que esse *posicionamento* é decisivo na construção das representações, pois, como reitera a autora Langer, “esta é a hora em que o significado gera significado”, isto é, nesse momento, o leitor faz uso de toda a sua bagagem intelectual e emocional, evocando suas representações anteriores para reinventá-las, aprofundá-las ou reafirmá-las.

O terceiro *posicionamento*, por seu turno, é de natureza diferente dos dois primeiros, e ocorre quando o leitor para, a fim de refletir sobre o significado que os pensamentos desenvolvidos, até então, na ficção, têm para a sua vida real. Dito de outra forma, o que está em questão nesse momento é: qual é o significado do que se lê na experiência de vida das pessoas? Conforme a autora (2005, p. 36), “seu impacto potencial é a razão primeira de lermos e estudarmos literatura – um auxílio na tarefa de entendermos nossas próprias vidas”.

O quarto e último *posicionamento* abordado por Langer (2005) pode ser verificado quando já ocorreu certo distanciamento da experiência; trata-se da fase em que essa experiência é objetivada. Como explica a teórica (p. 37), “neste quarto *posicionamento* distanciamos-nos da representação que desenvolvemos e refletimos sobre ela”. Esse distanciamento é necessário para que se efetue uma nova reflexão, pois toda análise exige uma certa distância. Esse é o momento do julgamento, do entendimento da estrutura do objeto experimentado e de fazer relações com outras experiências de vida e de leitura. De acordo com Langer (2005, p. 37), “é aqui que objetivamos nossas compreensões, nossa experiência de leitura e a obra em si. Refletimos, analisamos, julgamos e relacionamos tudo isso a outras obras e outras experiências”.

Exemplos de ampliações de leitura e de experiência de vida

Seguem dois exemplos dos processos de construção de representações, ocorridos entre maio e dezembro de 2007, com o grupo pesquisado. O primeiro caso, JS, não participou da Pré-Jornadinha, porque entrou na escola após a conclusão da mesma, e o outro caso participou ativamente da Pré-Jornadinha.

JS – dificuldades de representação

JS chegou à turma pesquisada no mês de agosto, quando os encaminhamentos para a 4ª Jornadinha estavam em fase conclusiva. Esse caso foi crucial para a pesquisa, pois comprovou a importância da Pré-Jornadinha para a realização de vários aspectos: representar, a ponto de concretizar, o caráter efetivamente emancipador da Jornadinha. A fim de ilustrar a não significação da Pré-Jornadinha para JS, será transcrito, na íntegra, o texto que ele produziu no primeiro *posicionamento*. Destaca-se que o tempo disponibilizado para a produção textual foi de 100 (cem) minutos. JS escreve:

Eu imagino que a Jornadinha é onde vai ter escritor e autores conhecidos como Ziraldo, André Neves, Elizete Lisboa, Luciana Savaget, Carla Caruso, Dionísio Jacob.

Além de não ter escrito mais sobre suas expectativas em relação à 4ª Jornadinha, JS não entregou o texto Pós-Jornadinha, no qual ele falaria da experiência, evidenciando o que foi bom e o que foi ruim nessa vivência. Mesmo assim, com base no primeiro *posicionamento* do aluno e movida pela esperança de receber o texto mencionado, a professora de JS o entrevistou, levantando dados para o que seria o *terceiro posicionamento*, mas que, para JS era, em rigor, o *segundo*.

As questões dirigidas a JS tinham como objetivo levá-lo a refletir sobre os motivos de ter tido tanta dificuldade para escrever sobre a 4ª Jornadinha, já que tinha várias informações sobre ela. Ele não precisou de muito tempo para pensar na resposta; foi logo dizendo: “Bem, eu não sabia assim, porque na escola que eu tava nunca fui, nunca tinha ido, não fazia nem ideia, achei que era uma feirinha.” Pelo vocábulo no diminutivo – “feirinha” –, percebeu-se o pouco valor que o menino havia dado à Jornadinha. Por isso, perguntou-se ao aluno se, pelo que sabia da Jornadinha, ele achava que seria uma experiência boa, legal, ou não. JS foi muito sincero ao responder que “não, só vai ter livros para a

gente comprar”. O uso do advérbio de modo *só*, abreviatura de *somente* e sinônimo de *apenas*, denota o valor – praticamente nulo – que tem o livro na vida de JS, sem falar que o menino parece considerá-lo um bem de consumo dispensável, já que, segundo afirmou, pensava que não seria interessante deslocar-se de Ijuí a Passo Fundo, percorrendo quase 200 km, para *apenas* comprar livros.

Ao ser indagado sobre o que havia achado de participar da 4ª Jornadinha, ele respondeu que foi legal, e que a parte que considerou mais importante foi aquela em que os autores conversaram com as crianças. Destacou, ainda, que chegou a fazer uma pergunta para a autora Elisete Lisboa e pareceu bastante satisfeito com a façanha. No que concerne à Pré-Jornadinha, perguntou-se a JS se ele achava que teria aproveitado mais a 4ª Jornadinha, caso tivesse acompanhado as atividades desde abril, como os seus colegas, e por qual motivo. JS respondeu que sim, pois “eu ia saber mais sobre tudo”; concluiu, porém, que, mesmo assim, “valeu a pena ir, adoro ler livro, leio todas as noites”.

No que diz respeito à afirmativa de JS de que saberia mais sobre tudo se tivesse participado da Pré-Jornadinha, novamente, ratifica-se a indispensabilidade dessa no processo. Ainda assim, mesmo não tendo feito a Pré-Jornadinha, a oportunidade de participar da 4ª Jornadinha não foi refutada pela criança. O que ocorreu foi que o nível de representações de JS ficou bastante prejudicado, isto é, não chegou ao ponto em que poderia chegar, se o processo tivesse sido completo.

Geram inquietação os motivos que teriam impedido JS de construir representações durante o processo. Um deles foi, sem dúvida, o fato de haver chegado à escola no momento em que a Pré-Jornadinha já estava em fase conclusiva. Outra razão provável para o não envolvimento do aluno são os valores dele e da família, pois, ao se referir à possibilidade de comprar livros, usa o advérbio “só”, o que revela a insignificância de tal ato para esse sujeito.

Percebe-se, em JS, a ausência de qualquer base para sua formação como leitor, o que pode ser resultado de uma desvalorização da leitura por parte da sua família. Ele lê com muita dificuldade e não consegue alcançar um bom entendimento do texto, sendo um grande desafio, para os mediadores de leitura, a conquista e a formação desse leitor potencialmente adormecido. Alerta-se para o fato de que a afirmação do menino de que lê todas as noites não parece ter veracidade, em vista do quadro apresentado. Na realidade, é praticamente inverossímil e

contraditória a afirmação em relação à análise que pode ser feita de suas manifestações orais, escritas e atitudinais.

As representações de JJ

No terceiro *posicionamento*, JJ, incitada a refletir acerca de sua expectativa de aprender sobre a vida dos autores e com o exemplo de persistência deles – já manifestada no primeiro *posicionamento* –, respondeu que isso, efetivamente, aconteceu, pois “muitos têm o trabalho próprio e ainda escrevem livros, porque é um prazer para eles”. Essa concepção de que a atividade de escritura é apenas um prazer, e não uma profissão, é algo que necessita de uma reflexão por parte de JJ, porque essa representação contém um equívoco. Talvez seja o caso de chamar a atenção dos professores de 5ª série para que retomem a questão e a desmistifiquem, já que, se isso não for feito, JJ pode permanecer, indefinidamente, com a concepção equivocada e ultrapassada de que escritores escrevem pura e simplesmente por prazer, ficando, assim, sem entender que ser escritor é uma opção profissional e não somente uma atividade prazerosa, desenvolvida paralelamente ao *trabalho próprio*.

Ao ser indagada, no terceiro *posicionamento*, sobre o que havia considerado mais importante na 4ª Jornadinha, JJ respondeu:

A coisa mais importante foi conhecer os autores e sua vida e seus livros. Pra mim ler ficou diferente porque aprendi que quando os autores escrevem se dedicam tanto como se estivessem vivendo aquilo e agora quando leio também parece que estou vivendo a história. Quer dizer, tenho uma relação diferente com os livros agora. Antes eu lia o livro e via só a história, agora me coloco no lugar do personagem e parece que o autor está me contando a história e ler assim é mais legal.

Esse fragmento do terceiro *posicionamento* de JJ revela, mais uma vez, que a mediação da leitura feita pelos autores das obras exerce um papel determinante na relação dos leitores com os livros e com a leitura. Verifica-se que a experiência de conhecer os autores das obras literárias fez com que JJ concebesse de forma diferenciada o ato de ler. O depoimento demonstra que, depois da experiência de estabelecer relação direta com os autores, proporcionada pela 4ª Jornadinha, JJ alcançou o que talvez seja o mais caro objetivo de movimentos que promovem e incentivam a leitura, pois – ao declarar que consegue colocar-se no lugar da personagem – a menina afirma que vive a leitura. Não bastasse isso,

ela passa a ter o autor como um interlocutor próximo e presente, o que ocorre em virtude da representação concreta de um ente que, até então, parecia quase ficcional, o escritor.

No segundo *posicionamento*, JJ apresenta uma expectativa sua que não foi satisfatoriamente contemplada. Afirma, em tom confessional, como quem revela um pecado:

Confesso que não achei a Jornadinha tão legal como eu esperava, era tudo muito rápido e dava pra perceber isso porque eles sempre comentavam quanto tempo ainda tinham e isso aconteceu na lona vermelha e também na lona onde aconteceu a abertura, mas ao mesmo tempo que as coisas eram rápidas, parecia que passavam devagar na lona vermelha. Eu achei que na lona vermelha faltou risos dos autores e risos da plateia, mas de qualquer jeito valeu muito a pena porque eu adorei as brincadeiras que lá aconteciam e também porque conheci um pouco mais sobre cada autor e aprendi que não importa ter mais sucesso ou fazer mais livros do que os outros, o que realmente importa é que cada autor tem sua própria criatividade e, cada autor faz sucesso do seu jeito, não copia, inventa e é assim que o descobrirão, por meio de sua própria criatividade e imaginação.

A criticidade de JJ, nesse fragmento, faz-se imponente pela sua singeleza. Madura e extremamente sensível, JJ descortina as falhas que percebeu; aponta as expectativas que não foram concretizadas e ainda deixa uma lição magnífica, muito provavelmente sem sequer ter tido consciência de que o fez ou a intenção de fazê-lo. Ela dá um conselho sábio, do âmago de sua inocência pueril, a todos que, de uma maneira ou de outra, buscam o sucesso como autores ou em qualquer área da vida: que a essência do ser e, possivelmente, o sentido da vida não estão em outro lugar senão dentro do próprio ser humano.

O olhar derradeiro sobre a 4ª Jornadinha Nacional de Literatura: lembranças objetivadas

Como já foi explicitado, o quarto *posicionamento* é o momento do julgamento, do entendimento da estrutura do objeto experimentado e do estabelecimento de relações com outras experiências de vida e de leitura. Esse *posicionamento* exige um determinado distanciamento e tem a intenção de objetivar as representações elaboradas até então. Em

virtude desse caráter objetivador, a metodologia foi também redirecionada, optando-se, nesse momento, por questões padrão, feitas a todos os sujeitos da pesquisa. O questionário foi composto por três questões – todas elas já pautadas nos posicionamentos anteriores. As respostas a esse questionário, no que diz respeito ao papel da Jornadinha na formação do leitor, confirmaram que, efetivamente, a Jornadinha congrega ações e personagens ricos e marcantes, na história de leitura de cada sujeito que tem uma oportunidade ímpar de fazer parte desse movimento em prol da leitura, da literatura e da arte, em suas mais variadas manifestações e concepções.

Considerações finais

À guisa de conclusão, vale dizer que se atestou a existência de níveis diferentes de representação, o que se define a partir do envolvimento de cada criança com essas experiências e dos horizontes de expectativas de cada uma delas. As representações foram determinadas pela bagagem individual que cada criança possuía antes do início da pesquisa, ou seja, pelo seu conhecimento prévio, mas também exerceram influência o grau de sedução e de reflexão das questões abordadas nas etapas da Pré-Jornadinha e o quanto os alunos experienciaram, efetivamente, os momentos vividos na 4ª Jornadinha. Isto é, as Jornadas/Jornadinhas somente chegam ao ápice de suas potencialidades se a criança, o jovem, ou até mesmo o adulto, tiver uma boa bagagem de leitura e disposição para alargar os seus horizontes de expectativas. Isso não significa, de modo algum, que, se o participante não possuir esses pré-requisitos, a sua participação será infrutífera. Não obstante, ficaram claramente demarcados neste estudo a importância do trabalho e o envolvimento nas práticas leitoras da 4ª Pré-Jornadinha. A participação na 4ª Jornadinha propriamente dita fez diferença na vida de praticamente todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Em se tratando de mediação, constatou-se, neste trabalho, que os próprios autores, presentes na 4ª Jornadinha, exerceram a função de mediação entre os seus livros e os seus leitores em potencial. Tal mediação foi extremamente significativa para as crianças e determinante na reconstrução de representações operadas por esses leitores. Não raras vezes, os sujeitos entrevistados manifestaram-se sobre a importância da

experiência de conhecer, ouvir e ver os autores, para a sua própria história de vida e de leitura.

Por fim, concluiu-se que as vivências proporcionadas pela 4ª Pré-Jornadinha e pela 4ª Jornadinha Nacional de Literatura exercem um papel singular no que concerne à apropriação da leitura em sua plenitude, tendo um significado imensamente positivo na formação do leitor e em sua emancipação.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época).
- CANTON, Kátia; SHULLER, Luciana. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.
- CARUSO, Carla. *A infância de Tarsila do Amaral*. São Paulo: Instituto Callis, 2004.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JOUBE, Vicent. *A Leitura*. São Paulo: Edunesp, 2002.
- LANGER, Judith A. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura*. Passo Fundo: Edupf, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Org.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 6. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- PETIT, Michèle. Uma arte que se transmite. In: _____. *Desenredo*. Passo Fundo: Edupf, 2006. v. 2.
- _____. Uma arte que se transmite. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo: Edup, v. 1, n. 1, 2005.
- RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. As Jornadas Literárias e a Capital Nacional da Literatura. In: LECH, Osvandré (Org.). *150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: _____. *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. da PUCRio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.